



O Pai, o Professor, o Sacerdote dos nossos tempos modernos não abençoam e nem maldizem comportamentos.

Na teoria da globalização, a tese e a antítese não geram a síntese. As duas multiplicam as teses. Ou seria a multiplicação das antíteses? E daí, a multiplicação da mesma família - a tua, a minha e a nossa, por enquanto -; fragmentam-se as escolas e as novas igrejas crescem como cogumelos em paus apodrecidos.

Enquanto isso, o Húmus, Y-Juca-Pirama, os "filhos" todos, estamos sem modelos, sem identidade, sem nome, à espera de uma Ordem que nos mande desfilhar para recebermos de volta o Eu-diferente-do-Outro.

Essa nova ordem deve emanar daquele que se mete na frente. O Pai que chegou antes do Filho, para ocupar um espaço no respectivo grupo.

É preciso que aconteça a volta do Pai Pródigo. Um pai capaz de abençoar como Javé e corajoso para amaldiçoar, como o velho índio tupi.

Epílogo

Nem só de bênçãos ou de maldizeres vive o Pai

Javé abençoa as criaturas do Paraíso mas explode em impropérios - como qualquer um de nós - quando o Húmus nega a origem.

O Homem e a Mulher são expulsos do Paraíso mas conservam a Aliança com Javé e por isso continuam a obra da criação.

O velho índio tupi amaldiçoa o filho. Mas em continuação pega-o pela orelha e o devolve aos timbiras.

Y-Juca-Pirama enfrenta o duelo, vence a luta, é aplaudido pelo inimigo.

- Este sim é que é meu filho!

Endereço do Autor:
Rua Alves de Brito 447 - Apto. 801
88015-440 Florianópolis - SC

"O artigo desenvolve os seguintes itens: 1) a origem e o significado do mal na Bíblia, onde se constatará que não há nas Escrituras uma doutrina sistemática sobre o mal, mas simplesmente reflexões sapienciais, que necessitam ser interpretadas devidamente para o nosso tempo e linguagem; 2) a relação entre liberdade e sofrimento, onde se perceberá que a liberdade humana, na forma de livre arbítrio, tem grande responsabilidade na origem do mal; 3), enfim, a relação entre Deus-Pai e o mal, onde se estudará a responsabilidade de Deus na origem do mal, bem como o seu empenho no combate e na vitória sobre o mal."

Deus Pai e o Sofrimento do Mundo

Pe. Vitor Galdino Feller

Doutor em Teologia, professor do Instituto Teológico de Santa Catarina, pároco de Nossa Senhora da Boa Viagem, Florianópolis - SC



Introdução

Como se sabe, é muito difícil falar de Deus. Mais ainda de Deus-Pai. Também é difícil falar sobre a realidade do mal no mundo. Falar então sobre a relação entre Deus-Pai e o mal é uma tarefa ousada e ingente. Mas necessária e urgente.

Nossa proposta para falar da relação entre Deus-Pai e o sofrimento do mundo, de modo convincente e conveniente aos ouvidos de hoje e fiel à tradição bíblica e magisterial, será:

- não falar de Deus na ótica do poder, mas do amor e serviço;
- não falar de Deus teoricamente, a partir de postulados e teoremas filosóficos, mas falar de Deus praxicamente, a partir de práticas históricas e de suas relações com o povo de Israel e com Jesus de Nazaré;
- não falar do mal dualisticamente, como algo externo e acrescentado a nós, como castigo ou perda, mas unitariamente, como algo próprio à dinâmica da vida, intrínseco à nossa condição humana, material e histórica;
- não falar do mal e do sofrimento de modo unívoco, como se todo mal e sofrimento tivessem a mesma origem e o mesmo sentido, mas de modo diferenciado, reconhecendo que o mal e o sofrimento têm duas origens, a criação e o pecado, e, portanto, dois sentidos diversos, a serem valorizados respectiva e devidamente no decorrer da vida humana e cristã.

Certamente este fim de milênio, com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e o Projeto de Evangelização “Rumo ao Novo Milênio”, sobretudo este ano de 1999, dedicado a Deus-Pai, juntamente com a celebração do Jubileu bimilenar da Encarnação de Jesus Cristo, se registrarão na história como uma grande Páscoa. Um tempo novo em que o povo católico terá experimentado a passagem de determinadas imagens de Deus, eivadas de patriarcalismo, juridicismo e espiritualismo, para imagens mais bíblicas e, por isso, históricas, relacionais, afetivas de Deus. A passagem de imagens de um Deus cruel e sangüinário, que quer o mal como castigo pelo pecado humano, ou um Deus distante e impassível, que não se envolve com as questões humanas, deixando que o mal continue a tomar conta da história, para imagens mais bíblicas, de um Deus que se deixa afetar pelo mal e pelo sofrimento do mundo, que está sempre do lado dos que sofrem, solidário com os todos os que padecem, seja com os males provenientes da natureza da criação e do ser humano, seja os males provenientes da maldade e da injustiça humana. Um Deus-Pai, um



Deus-Amor, que decididamente não quer o mal, mas, ao contrário, quer acabar com o mal, que não combina, de nenhum modo, com seu projeto de amor e de vida.

Já escrevi sobre isso ao tratar da revelação de Deus a partir da realidade sofrida dos pobres (Feller 1995a, 1995b) e ao desenvolver a relação entre Deus-Pai e os excluídos (Feller 1998). O presente texto vem acrescentar uma reflexão mais do que necessária, com o objetivo de aclarar ainda mais a opção de Deus-Pai pelos pobres e excluídos, seu compromisso no combate aos males e opressões que se abatem sobre o povo, e seu projeto de vida e salvação para todos. Para todos, mas a partir da mesma opção que ele tem tomado e vem tomando, no decorrer da longa história humana, a favor dos mais sofridos.

Este artigo se divide nos seguintes itens: 1) a origem e o significado do mal na Bíblia, onde se constatará que não há nas Escrituras uma doutrina sistemática sobre o mal, mas simplesmente reflexões sapienciais, que necessitam ser interpretadas devidamente para o nosso tempo e linguagem; 2) a relação entre liberdade e sofrimento, onde se perceberá que a liberdade humana, na forma de livre arbítrio, tem grande responsabilidade na origem do mal; 3), enfim, a relação entre Deus-Pai e o mal, onde se estudará a responsabilidade de Deus na origem do mal, bem como o seu empenho no combate e na vitória sobre o mal.

1. A Realidade do Sofrimento e do Mal na Sagrada Escritura

A Sagrada Escritura contempla a todo instante a realidade do mal. Mas não apresenta um tratado acabado e sistemático. Suas respostas se encontram esparsas no decorrer dos livros. São contraditórias, enquanto refletem diferentes épocas e contextos e preocupações.

1.1. A origem do sofrimento e do mal

De modo resumido, poderíamos dizer que a Bíblia apresenta cinco explicações, não excludentes, sobre a origem do mal (García Rubio 1989, 509-548). Cada uma delas deixa no ar uma pergunta. Nenhuma delas responde de modo exaustivo e definitivo. Por isso, cada uma delas deve ser compreendida e completada com as outras. Todas serão respondidas, ainda assim não de modo exaustivo, somente ao final desta resenha bíblico-teológica. A resposta exaustiva e plena a teremos somente ao final da vida:



a) O mal é atribuído diretamente a Deus. Ele é criador e senhor de todas as coisas. Tudo o que existe depende de sua soberania. Portanto, também o mal. Imaginar outra origem para o mal seria imaginar outro criador, em pé de igualdade com ele, oposto a ele. Uma concepção dualista, maniqueísta, própria do gnosticismo dos primeiros séculos, o qual foi terminantemente rejeitado pelos Padres da Igreja, com Irineu (+ 202) à frente de todos. Um outro criador é inconcebível para a fé monoteísta de Israel e da Igreja. Javé é o primeiro fundamento, a única causalidade de todas as forças operativas da vida, seja do bem, seja do mal.

Trata-se de um radical reconhecimento da total soberania de Deus, única fonte e origem de tudo. Embora seja preciso reconhecer que ele é mais responsável pelo bem, do que pelo mal, sobretudo o mal moral, que no fim das contas depende unicamente da desobediência de suas criaturas. No caso do mal moral ou histórico, identificado com o pecado ou por ele causado, fica evidente, porém, que, em certa medida, Deus é por ele responsável, por ser exatamente e simplesmente bom, porque criou o ser humano na liberdade, capaz de produzir o mal. Deus é responsável pelo mal criacional ou natural, identificado com a materialidade, a temporalidade e a fugacidade das criaturas e por elas provocado. Mas o mal criacional é próprio de nossa condição de criaturas. Esse mal não afeta nem diminui a bondade de Deus. Ao contrário, reflete a bondade radical e definitiva do Criador.

Deus é sempre bom, porque criou as coisas no bem, em uma bondade radical e definitiva. Mas as criou na matéria e no tempo, portanto marcadas pela decomposição e pela morte. Por paradoxal que pareça, como veremos mais adiante, esse mal criacional não somente não é contraditório com a bondade de Deus, mas é reflexo e sinal dessa bondade, na medida em que reflete a capacidade divina de criar e conviver com o diferente de si, ainda que essa sua criatura seja marcada pela finitude. Fica, porém, uma estonteante pergunta: se Deus é bom, se cria tudo por amor e no bem, como pode surgir o mal?

b) O mal tem origem na desobediência humana. Abusando de sua liberdade, querendo igualar-se a Deus, pretendendo ser dono do bem e do mal, fechando-se em sua auto-suficiência, o ser humano marcou a obra da criação de Deus e sua própria vida com o mal. Criado para ser relacional, para viver em comunhão com Deus e as outras criaturas, o ser humano preferiu o egoísmo e a auto-suficiência. Dessa maneira, além do mal propriamente criacional ou natural, inerente à própria condição da criação, o ser humano introduziu o mal moral ou histórico, que não é apenas um mal passivo, mas um mal ativo, agressivo e violento.



O mal criacional, por ser passivo, poderia ser vivido com serenidade e tranquilidade, em vista de um sempre maior aperfeiçoamento e da recapitulação final, como páscoa, isto é, passagem, mediação, do mundo terreno e frágil para a mundo eterno e definitivo. Agora, porém, por causa do pecado humano, o mal histórico é vivido com pavor e medo, enquanto significa ruptura, agressão e violência à obra da criação de Deus e, sobretudo, à própria estrutura da personalidade humana. Mas, fica a pergunta: se o ser humano é criado bom, por que cai no mal?

c) O mal tem origem em Satanás. Criado bom por Deus, como todos os anjos, ser espiritual e perfeitamente livre, na prova de sua liberdade Satanás quis arrogar-se ao lugar de Deus, cometendo o mal em plena consciência e liberdade do que fazia. Cometeu, portanto, um mal perfeito, que contamina e vicia toda a obra da criação, pela instigação e tentação do ser humano. Embora permaneça um dos mistérios mais complexos da doutrina cristã, nós cremos que existe este ser personificador do mal.

Sobre sua personalidade, o melhor entendimento seria captá-lo como alguém que se negou a si mesmo. Criado, como todas as criaturas, como ser relacional, ele fechou-se de tal modo sobre si mesmo, que se aniquilou definitivamente. É isso o que promove o pecado: fechamento, auto-destruição. No nosso caso, por sermos seres históricos, é sempre possível rever-se, recomeçar, retomar nossa condição original de criaturas relacionais. O mal que cometemos nunca é um mal pleno, total e perfeito. No caso de Satanás, como sua atitude se deu na eternidade, na plena consciência e na total liberdade, o mal que fez foi definitivo, sem retorno e arrasador de sua própria personalidade. Preferindo negar-se a si mesmo, de modo cabal e pleno, ele é enquanto não é. É o não-ser. É máscara, deturpação, falsidade, mentira, de si mesmo e de suas ações. É a perversidade em pessoa. “Em sua liberdade, o diabo e os demônios faltam contra a sua realização pessoal plena e última. Não podemos, pois, chamá-los ‘pessoas’ no sentido moderno do termo” (Lehmann 1992, 103). Por isso, seu nome é diabo (do grego *diá-bállô* = atravessar, lançar através): é atravessador, aquele que engana, que atrapalha as relações, que desfaz as verdades.

É claro que seu poder permanece sempre subordinado ao poder de Deus. O que significa, em termos práticos, que não devemos tanto temê-lo quanto ignorá-lo, na medida em que pomos a nossa confiança no poder absoluto e na graça constante de Deus. Nós cremos em Deus-Pai, na salvação de seu Filho e na força de seu Espírito. Não cremos no poder de Satanás. De qualquer modo, na medida em que enfraquecemos nossa liberdade deixando-



nos guiar apenas pelos instintos, e endurecemos nossa consciência escondendo nossos vícios e fechando os olhos para nossos pecados, nessa medida nos abrimos às solicitações desse poder maléfico e nos tornamos presa fácil de suas insinuações.

Novamente aqui deve ficar claro que o mal diabólico existe por causa do bem amoroso de Deus, que o criou feliz, livre e totalmente santo. Ele é que preferiu a infelicidade, por pretender tornar-se igual a Deus. Embora a Escritura ensine que sua ação atinja o ser humano, é preciso entender que o mal não é tão forte quanto o bem, seu poder nem se compara ao poder maior e total de Deus. Mas, fica outra pergunta: como pode existir um poder, se não totalmente e paralelamente oposto, pelo menos contrário ao bem criado por Deus?

d) O mal é inerente ao ser humano. O sofrimento, as ambigüidades e os diversos males que afetam a condição humana, são perfeitamente naturais e simplesmente formam parte da criaturidade própria do ser humano. Mas, por que então o ser humano não o aceita como natural, ao contrário se revolta e se indigna contra o mal como se fosse uma realidade antinatural?

e) O mal é conseqüência do pecado original. Uma vez que todos os seres humanos são criados como seres relacionais, formando estruturalmente uma rede de relações e de comunhão, o que afeta a um afeta a todos. Assim o pecado de um atingiu a todos e vulnerou a liberdade de todos. De modo que todos pecaram, abandonando os planos de Deus. Mas, por que todos devem pagar pelos pecados de alguns?

Para concluir, podemos formular o seguinte paradoxo:

f) O mal tem como raiz última, no homem, o desejo de Deus (García Rubio 1989, 548-549). O ser humano foi criado para Deus. Imagem e semelhança de Deus, chamado à comunhão de vida e de amor com seu Criador. Há no coração de cada ser humano o desejo de se encontrar e ver a Deus, de ser um com seu Deus e Criador. Nisto estará a realização plena e definitiva de cada ser humano e de todos em conjunto como humanidade.

É este desejo humano de Deus, esta carência do Pai eterno, que, paradoxalmente, provoca e gera o mal. Por dois motivos: primeiro, por não poder ser plenamente satisfeito na vida atual, este desejo transforma-se em sofrimento. Mais ainda: provoca a tentação de substituir Deus por ídolos. E aí temos o pecado, com todas as suas conseqüências. O mal se origina então no conflito, mal resolvido, entre a consciência da carência de plenitude e a não aceitação desta carência. De modo que em cada pecado, temos estas



duas características básicas: o egoísmo e o imediatismo. Eu quero, *já agora*, resolver, *do meu modo e para meu interesse*, essa carência!

Egoísmo e imediatismo são exatamente a oposição e negação a dois elementos fundamentais de nossa estrutura humana, de nosso ser: relacionalidade e historicidade. Não aceitando o jogo da relacionalidade, isto é, da comunhão, da coletividade e da solidariedade, caímos no egoísmo. Não aceitando o jogo da historicidade, isto é, da caminhada e da peregrinação, caímos no imediatismo. Por isso, quando pecamos nos desumanizamos, negamo-nos a nós mesmos, vulnerando nossa estrutura relacional e histórica, comunitária e peregrina. Mas, fica também aqui uma pergunta: se o ser humano foi criado para Deus, por que dele se afasta?

A resposta para esta última pergunta e, através dela, para as anteriores, pode assim ser enunciada: o diálogo com Deus é vivido na penumbra e não na claridade, na noite escura da história e não na manhã radiante da glória, em meio a dúvidas e conflitos e não na comunhão perfeita. O ser humano, na sua caminhada terrena, busca Deus às apalpadelas (At 17,27). Por isso, muitas vezes o confunde com ídolos, satisfaz-se com ídolos, engana-se a si mesmo, negando a relação com o Deus vivo e verdadeiro.

1.2. O significado do sofrimento e do mal

Tendo resumido as diversas explicações que a Bíblia nos dá sobre a origem do mal, fica mais fácil entender também o significado que ela nos apresenta para o sofrimento (Gozzelino 1985, 202-207; 222-227).

1) O sofrimento humano no Antigo Testamento: a) Embora tenha outras raízes, o sofrimento é, com maior evidência, efeito e sinal do pecado; b) O sofrimento é ao mesmo tempo um escândalo, um mal a ser combatido com todas as forças, e um valor a ser acolhido com lucidez e generosidade; c) Por causa do pecado, o sofrimento é instrumento de degradação do homem, mas na superação do pecado se torna regra de salvação.

2) O sofrimento humano no Novo Testamento: a) A universalidade do sofrimento (de Jesus, dos discípulos, de Maria, dos doentes e rejeitados, de Paulo, de todos) está vinculada às seguintes razões: aa) conexão entre sofrimento e pecado, pessoal ou de outrem; ab) causas independentes do pecado, como por exemplo a própria condição criatural e a submissão ao poder de Satanás; b) A necessidade do sofrimento (para Jesus: “é preciso”; para seus seguidores: “quem quiser seguir-me, tome a cruz”) está vinculada aos seguintes motivos: ba) o sofrimento não é um fim em si mesmo, mas um



meio de chegar à perfeição, à glória, à ressurreição; bb) o sofrimento é suportado em benefício de outros, de muitos, de todos; c) O sofrimento é, ao mesmo tempo, efeito do pecado e, por isso, deve ser rejeitado e combatido, mas também instrumento de cancelamento do pecado e, por isso, deve ser aceito com disponibilidade e responsabilidade; d) Há uma dimensão salvífica do sofrimento, quando é vivido na vontade de Deus, no nome de Jesus, pela causa do Reino, na defesa da justiça, na oração, na alegria de participar da cruz de Cristo.

2. A Relação da Liberdade com o Mal e o Sofrimento

Como vimos acima, embora Deus-Pai seja o único Senhor de toda a vida e, portanto, de todas as realidades humanas, também do mal..., na verdade, o mal que é experimentado como perda e ruptura, como maldade e injustiça, tem sua raiz na liberdade humana, entendida sobretudo como livre arbítrio.

2.1. A estrutura da liberdade humana

A liberdade é um dom de Deus para a auto-construção do ser humano, projetada para um estado definitivo. A estrutura da verdadeira liberdade implica a co-existência de quatro elementos: pobreza nativa; capacidade de escolha; obediência fiel; transformação escatológica (*Gozzelino 1985, 263-267*).

A pobreza nativa indica a permanente carência do ser humano, que é a mais carente de todas as criaturas. Em todos os sentidos: biológico, psicológico, espiritual. Carece de bens materiais para seu crescimento e desenvolvimento físico. Carece de afeto e segurança para o desenvolvimento de sua personalidade. Carece de sentido, na definição de sua abertura, consciente ou não, ao transcendente. Quanto mais cresce e se torna adulto, menos carente se torna; mais capaz de responder por sua conta e maduramente a suas necessidades. O ser humano, adulto e maduro, mesmo continuando carente a vida toda, sabe controlar suas carências e orientá-las em vista do amor aos outros, aos familiares, à comunidade. Sua própria pobreza nativa, mesmo presente, fica assim encoberta pela maturidade de uma vida empenhada na luta pela satisfação das grandes carências humanas. Há, porém, aqueles que se fixarão imaturamente nessas carências, em atitudes e comportamentos infantis e adolescentes que revelam, de modo mais evidente, sua pobreza nativa, enquanto vivem escravizados por paixões, instintos, emoções, numa dependência que os desumaniza sempre mais.



A capacidade de escolha revela a permanente liberdade do ser humano para optar por este ou aquele caminho, tomar esta ou aquela decisão, e, basicamente, selecionar entre o bem e o mal. O ser humano, adulto e maduro, mesmo continuando capaz de livre escolha a vida toda, sabe limitar suas escolhas em vista de compromissos e exigências devidos a decisões tomadas anteriormente, a projetos de vida assumidos. Sua própria capacidade de escolha, mesmo presente, fica assim oculta pela fidelidade de uma vida empenhada com alianças, amizades, relações familiares, serviços comunitários, enfim pela fidelidade a uma opção fundamental que demarca toda sua existência. Há, porém, aqueles que se fixarão imaturamente nessa capacidade de escolha, em atitudes e comportamentos infantis e adolescentes que a revelam de modo mais evidente. Continuam achando que podem fazer isto e aquilo, sem respeito a pactos familiares, leis sociais, numa libertinagem que os desumaniza cada vez mais.

A pobreza nativa e a capacidade de escolha caracterizam a liberdade como livre arbítrio, presente em todos os homens. Mais presente e evidente, porém, naqueles que não se projetam em vista do próprio aperfeiçoamento e amadurecimento, que vivem segundo a carne, egoístas e auto-suficientes, voltados para si mesmos, com pouca disposição e treinamento para o amor, o serviço, a doação. O livre arbítrio, mesmo presente em todos os seres humanos, estará, ao contrário, menos visível e com menos poder de influência naqueles que se lançam na aventura de tornar-se aquilo que são desde a origem, ou seja, humanos, com todos os preços a serem pagos por valores e bens maiores.

A obediência fiel assinala a disposição para seguir uma opção fundamental, um projeto de vida, um compromisso existencial. Uma obediência que implicará sacrifícios, renúncias, perdas, lutas, em vista de bens mais preciosos, quais sejam, por exemplo, a vida em família, o respeito à dignidade humana, a paz e a justiça social.

A transformação escatológica designa a inclinação do ser humano que se projeta na direção do futuro, onde se põem em ação os talentos, as qualidades, onde se definem as vocações, onde, enfim, se realiza o ser humano. Até chegar, como crêem os cristãos, à sua realização definitiva no céu.

A obediência fiel e a transformação escatológica caracterizam a liberdade como liberdade de espírito, presente só naqueles que usam do livre arbítrio para o bem, para viverem segundo o espírito, para serem pessoas doadas, oblativas, voltadas mais para os outros do que para si mesmas,



peças-para, verdadeiramente livres, caracterizando-os como peças rea-
lizadas, felizes em sua humanidade.

O livre arbítrio e a liberdade de espírito não são duas faculdades
paralelas, mas dois níveis da mesma faculdade humana, que se embatem até
a morte. Enquanto o livre arbítrio se orienta para a liberdade de espírito, para
a maturidade e o aperfeiçoamento do ser humano, a liberdade de espírito
supera o livre arbítrio.

Embora a verdadeira liberdade humana não seja propriamente o livre
arbítrio (ponto de partida), mas a liberdade de espírito (ponto de chegada), o
fato é que aquele continuará sempre presente no coração humano, como
semente sempre pronta a germinar e crescer, como talento à espera de ser
desenvolvido e aproveitado, como trampolim que projeta o ser humano no
mergulho da existência.

A existência do mal no mundo está ligada em grande parte à liberdade
humana, entendida mais como livre arbítrio, ou seja, semente tímida que não
germina, talento escondido que não se desenvolve, trampolim acanhado e
cansado que não projeta para o futuro, para a realização definitiva. Livre
arbítrio que é conjunto de carências jamais satisfeitas, que são por sua vez
depósito explosivo de instintos e paixões que levam a violências e agressões.
Livre arbítrio que não é trabalhado como orientação da liberdade-para o
amor e o serviço, mas é sempre visto como fixação na liberdade-de leis e
orientações heterônomas, sociais e religiosas, enfim, uma liberdade que se
define sempre e só a partir da autonomia, entendida esta em sua dimensão
egoísta e individualista.

2.2. Os efeitos do livre arbítrio

São efeitos do livre arbítrio: a inevitabilidade do sofrimento, a
possibilidade do pecado, a necessidade da sacramentalidade e a ambigüidade
da história (Gozzelino 1985, 278-287). Para o nosso tema, interessam apenas
os dois primeiros:

2.2.1. A inevitabilidade do sofrimento

Há quatro razões para a inevitabilidade do sofrimento: três necessárias
(criadas por Deus) e uma contingente (criada pelo ser humano):

- a) Se o homem e o mundo não são criados já prontos, caracteriza-os
uma incompletude e pobreza, limites e impotências.
- b) Se a vida terrena está a caminho, o único valor que conta é o amor,



o qual relativiza e diminui qualquer outro valor. Há bens maiores e mais
preciosos que exigem renúncia, sacrifício, empenho.

c) Se a existência peregrina se desenvolve como maturação, o ser
humano vive sob tensões, cansaços próprios de cada conquista. Trata-se
do próprio trabalho, que não deve ser entendido como pena e castigo, mas
meio de desenvolvimento e aperfeiçoamento da própria personalidade e da
inteira sociedade.

Todo esse sofrimento, próprio da condição criatural, ou seja, porque
criados seres materiais e temporais, poderia ser vivido, não fosse o pecado
humano, com serenidade e tranqüilidade, enquanto estaria voltado ao futuro
da realização humana, em sua dimensão pessoal e coletiva. Haveria certamente,
mesmo assim, trabalho, tensões, conflitos e até a própria morte. Mas tudo seria
vivido coletivamente e prolepticamente, isto é, sem as duas componentes do
pecado: egoísmo e imediatismo. Coletiva e comunitariamente, os seres humanos
buscariam, não pelo egoísmo, mas pela comunhão entre si e com Deus, a
superação dos males criacionais, voltados para a realização e acabamento da
história e da sociedade no Reino definitivo de Deus. Prolepticamente, isto é,
em atitude de projeção para o futuro, não por meio do imediatismo, mas pela
construção paciente da história e da sociedade, em vista de sua realização em
Deus, tudo em todos (1Cor 15,28).

d) Além destas três razões necessárias e, portanto, criaturais, queridas
por Deus, há uma razão contingente, mas sempre presente: o pecado. Se o
pecado humano não é só uma possibilidade, mas uma realidade, sua
capacidade de gerar sofrimento pesa sobre todos. Tudo aquilo que poderia
ser vivido com serenidade e tranqüilidade, na comunhão e na projeção para
o futuro em Deus, passa agora a ser vivido em termos de ruptura e medo,
como tragédia e insegurança. Ademais, gera ainda mais sofrimento, em termos
não somente passivos, mas ativos, enquanto agressão, violência, injustiça,
ruptura de relações com Deus, com os irmãos e irmãs, com a obra da criação.
Criado estruturalmente como ser relacional, para o amor e a comunhão, pelo
pecado o ser humano violenta-se a si mesmo, fechando-se egoisticamente,
atrofiando-se em sua estrutura relacional, enfim, desumanizando-se sempre
mais.

Para concluir este item, constatamos que o sofrimento, a dor é,
portanto, paradoxalmente, o preço do amor. Se Deus impedisse o sofrimento,
a dor, tornaria impossível o amor e a liberdade. O sofrimento não leva
necessariamente ao amor, mas o amor conduz sempre, e para livrar-se dele,
ao sofrimento. Assim como sofrimento e consciência estão estreitamente
relacionados, de modo que quanto mais viva a consciência, mais o sofrimento



crece (Morin 1995, 14), assim também amor e sofrimento estão relacionados, de modo que quanto maior o amor, maior é o sofrimento. Pode haver sofrimento sem amor, mas não amor sem sofrimento. Cristologicamente, pode haver cruz sem ressurreição, mas não há ressurreição sem cruz.

2.2.2. A possibilidade do pecado

Deus não quer o mal, mas criando por amor, para a liberdade, cria também a possibilidade do mal. A responsabilidade última da possibilidade (não da realidade) do pecado é Deus, que dá de um modo tal tudo, que dá também a possibilidade de dizer “não” ao seu projeto de vida. A possibilidade do pecado e da condenação existe, não “apesar” do amor e da paternidade de Deus, mas exatamente “por causa” desse amor e paternidade.

Em suma:

a) O pecado não é necessário, nem mesmo na atual situação da humanidade, aliás já redimida por Cristo. Poderíamos viver sem pecar, pelo menos sem pecar gravemente. Afinal não fomos criados para o pecado, mas para a comunhão.

b) Deus não deixa o homem sob o poder do pecado. Por mais pecado que o ser humano cometa, por mais mal que ele produza, nunca conseguirá vencer Deus em sua generosidade e amor. Uma vez que Deus ama sempre e ama mais. Uma vez que a graça da própria liberdade para pecar não só é anterior, mas também superior ao pecado.

c) A passagem da possibilidade para a realidade do pecado é exclusivamente obra humana, de sua opção mesquinha pelo egoísmo e imediatismo.

d) O homem peca porque não é capaz de aceitar a obscuridade de Deus, é imediatista. Não admite viver na madrugada, quer viver antecipadamente, queimando etapas, na luz clara do meio-dia.

e) Quem rejeita a Deus compreende-o sempre menos; quem o acolhe ilumina-se sempre mais. Quanto mais se afasta de Deus, mais facilmente se submete ao poder do pecado, à escravidão das paixões, à vida segundo a carne.

3. A Relação de Deus-Pai com o Mal e o Sofrimento

Daí a pergunta: Por que Deus-Pai já não criou o mundo totalizado, sem as ameaças do mal? Por que já não criou o ser humano no estado de liberdade de espírito, sem as conseqüências trágicas do uso do seu livre arbítrio? Sem a possibilidade de lhe dizer “não”?



São perguntas legítimas, sob três condições (Gozzelino 1985, 274-278):

a) Não pôr Deus-Pai nos panos de réu. Ele é Amor infinitamente sábio, visibilizado em Jesus de Nazaré.

b) Não pretender obter respostas exaustivas. Os projetos de Deus-Pai são insondáveis e o acesso aos seus segredos se dá justamente pelo consenso com suas iniciativas.

c) Não parar no mal, mas vê-lo a partir da libertação-ressurreição que o vence. O próprio Deus-Pai assumiu o mal do mundo e o venceu, na morte e ressurreição do seu Filho amado.

3.1. Por que Deus-Pai não criou um mundo sem a possibilidade do mal?

Podemos dizer que há quatro motivos para a criação do ser humano como ser peregrino, caminhante, e não como ser escatológico, definitivo, portanto como capaz de sofrer e de produzir o mal:

a) Repugna ao Pai qualquer forma de exibicionismo, que fizesse da criação um espetáculo para se admirar, sem possibilidade de participar. Se Deus é Pai e Criador, que todos os seus filhos e filhas experimentem a beleza de serem também criadores, não somente espectadores, mas autores e atores de sua história.

b) Deus cria o ser humano à sua imagem e semelhança, como participante de sua fecundidade paterna, de sua criatividade e capacidade de gerar a vida. Deus-Pai quer que os seres humanos sejam como ele é: pais, geradores de vida e de felicidade, empenhados em seu projeto de vida para todos.

c) O destino querido pelo Pai para os seres humanos é vê-los e tê-los filhos e filhas no Filho, não só para receber, mas também para dar, para corresponder. Se o Filho faz as obras do Pai, é porque tem liberdade para lhe ser obediente, para colaborar em seu plano de amor, em seu desígnio eterno de salvação. Filhos e filhas no seu único Filho, seguidores do seu Filho, re-humanizados pelo seu Filho, é assim que o Pai nos quer e nos vê.

d) Deus-Pai é amor que na criação se auto-comunica, propõe, não impõe, não podendo obrigar a criatura amada a ser feliz, deixando à sua própria escolha corresponder ou não ao seu amor, realizar-se ou não como pessoa. Não cabe no próprio ser de Deus qualquer atitude impositiva, repressora, castradora. É próprio do amor a liberdade, o incentivo e o estímulo



à liberdade. O amor não teme a liberdade. Pais amorosos e líderes justos vivem sua verdadeira paternidade/maternidade e liderança, não temendo, mas ao contrário estimulando a liberdade dos filhos e cidadãos. Deus-Pai, que é a fonte e origem de todo amor, é também a fonte de toda liberdade. Ele não é um Deus-Pai autoritário, que usa de mecanismos repressores, com medo de perder sua autoridade e poder. Ao contrário, é um Deus-Pai bondoso que incita sua ninhada às experiências do vôo da liberdade (*Dt 32, 11*).

3.2. Como falar de Deus-Pai num mundo onde parece imperar o mal?

O discurso e a compreensão da relação entre Deus e o mal depende muito da noção que se tem de Deus. Durante estes dois milênios, foi-se firmando a noção de um Deus todo-poderoso, senhor e juiz absoluto do universo. Mais patrão do que Pai. Castigador e não bondoso. Vigilante e não presente. Policial e não companheiro. Uma noção que certamente encontra fundamento na Sagrada Escritura. Mas de modo muito periférico e circunstancial.

Por isso, afirmamos categoricamente: não é esta a melhor imagem de Deus. Uma outra idéia de Deus vem se firmando no decorrer deste último século e deverá marcar profundamente todas as formas da religiosidade humana do novo milênio: Deus terno e amoroso. Uma leitura mais abrangente da Escritura, mais popular e libertadora, mais conforme à doutrina e à práxis de Jesus de Nazaré, encontrará nos livros sagrados do Antigo Testamento e, mais ainda, do Novo, uma outra imagem de Deus. Uma imagem que, com efeito, pervade toda a Sagrada Escritura, que costura como um fio de ouro toda a história da salvação, da relação de Deus com o povo, com os pobres. Uma imagem que se revela no fim da história da revelação, na pessoa e obra do Deus feito homem, Jesus de Nazaré. Deus-Pai de amor e de bondade é, portanto, a imagem-fio e a imagem-fim de toda a revelação judaico-cristã. É com esta imagem, diríamos, só com esta imagem, que melhor poderemos compreender o mistério do mal e da relação de Deus-Pai com o sofrimento do mundo.

3.2.1. Rejeitar a imagem de um Deus que pode, mas não ama

O primeiro modo de se falar de Deus, a partir do poder e da autoridade, teve seu vigor na sociedade rural, tradicional, patriarcal, regida pela ordem, onde o trabalho se dava mais pela reprodução que pela criatividade, onde valiam mais os afazeres espiritualistas que os ligados à materialidade, onde a



liberdade humana estava condicionada ao determinismo da história e não aberta a projetos pessoais e históricos, onde diante da opressão e da morte, se respondia com a alienação, a resignação e a passividade e não com o empenho pelo fim das opressões e o adiamento da morte (*Muñoz 1987, 134-136*).

Nesse tempo, porque Deus se via mais ligado aos donos do poder, podendo ser inclusive reconhecido como Deus da ditadura, Deus dos opressores, mais patrão que Pai, havia duas maneiras de se explicar e justificar Deus diante do mal, ou seja duas vertentes da teodicéia:

a) a teodicéia jurídica, romana, para quem Deus é um Juiz que quer o mal, como castigo a ser imposto pelo pecado do homem, como meio corretivo de aprendizagem;

b) a teodicéia metafísica, grega, para quem Deus é um Ser Impassível que permite o mal como fruto da liberdade do homem, mas que não se deixa afetar por ele, insensível aos sofrimentos humanos.

Nesta configuração, a abordagem de Deus pela ótica do poder põe na sombra o amor. Para explicitar sua onipotência, Deus é retirado do meio do mal e do sofrimento. Ele não sofre. É um Deus que pode, mas não ama. Tem poder, mas não tem amor. Põe-se acima e fora dos problemas humanos. Torna-se um Deus cínico, distante, insensível, perverso, monstro. A esse Deus é que o mundo moderno rejeitou, nas mais diversas formas de ateísmo. A um Deus distante do mundo corresponde, de fato, um mundo sem Deus. Se Deus não se envolve com o mundo, porque haveria o mundo de se envolver com Deus? O poder põe na sombra o amor. A ação (ou inação) de Deus encobre o seu ser.

3.2.2. Afirmar a imagem de um Deus que só pode enquanto ama

Um segundo modo de se falar de Deus está implícito na Escritura e começa a ser recuperado hoje, nas comunidades eclesiais de base, na pastoral libertadora, na evangelização inculturada, na teologia moderna e na leitura popular da Bíblia. Recupera-se da própria Bíblia a imagem de Deus-Pai, Deus-Amor, a imagem-fio e imagem-fim de toda a revelação. Uma imagem de Deus mais conveniente e convincente, mais apropriada para nossa sociedade moderna e urbana, onde contam os valores da igualdade e da democracia, do trabalho entendido como experiência e criação humanas, onde a liberdade é vivida como opção e projeto de vida, onde o mal é enfrentado com o empenho da conscientização e da libertação (*Muñoz 1987, 136-137*).

Nos tempos atuais, não há porque justificar Deus diante do mal.



Quem precisa ser justificado é o ser humano que, no uso da sua liberdade, comete e reproduz o mal. Trata-se de uma antropodiceia histórica, jerusalemitana, em que Deus é visto como Deus Crucificado-Ressuscitado que é silenciado, ele mesmo, pela opressão dos injustos, um Deus que não quer o mal, mas que não pode ele mesmo nada fazer para evitá-lo e detê-lo. Ele é um Deus humano, pobre, limitado pelo respeito à liberdade humana. Ele é por isso um Deus que convida e anima a lutar contra o mal, um Deus das alternativas, das organizações que se empenham para acabar com o mal, um Deus dos mártires e dos profetas, um Deus da Palavra que anuncia o bem, denuncia o mal e constrói, com os seres humanos, a nova sociedade da justiça e da paz.

Ele é o Deus feito homem para enfrentar, ele mesmo, o mal. Não como um inimigo externo a se combater sem mais. Mas como um inimigo interior ao próprio ser humano e à humanidade, a ser enfrentado a partir de dentro da situação maligna. Deus vence o mal porque o assume em si mesmo. Nele, acontece então a morte da morte, o fim de todo o mal. Nele, a morte é tragada pelo poder da vida. Nele o amor vence o ódio, a graça e a misericórdia vencem o pecado, a vida triunfa sobre a morte. Não se trata, por isso, da morte de Deus, mas da morte em Deus (*Forte 1987, 282-296*).

3.2.2.1. Um Deus que vence o mal com o bem

Deus mesmo vence, na força da sua Vida, do seu Amor, do seu Bem, tanto o mal criacional quanto o mal histórico. Como vimos acima, o mal criacional é o mal próprio da ordem da criação, proveniente de nossa condição material e temporal e, por isso, frágil, caduca e mortal. Se não tivesse havido o pecado humano, esse mal seria vivido com serenidade e tranquilidade na expectativa e esperança de um bem maior, na certeza do encontro com Deus e da realização definitiva de todas as coisas. Esse mal criacional é vencido em Cristo, Recapitulador do universo, que o assume na transformação escatológica, reunindo todas as coisas em si, para tudo entregar ao Pai (*Cl 1,15-20; 1Cor 15,28*).

Um breve parêntesis para comentar a vitória de Deus-Pai sobre o mal criacional. Essa hipótese teológica, da encarnação do Filho de Deus independentemente do pecado humano, sempre acompanhou a história da teologia. Mas permaneceu no subterrâneo. Ela foi predominante nos primeiros séculos do cristianismo, na teologia dos Padres gregos. Mas, com a insistência de Agostinho (+ 430) no pecado humano, estabeleceu-se uma teologia, uma pastoral e uma espiritualidade configuradas pelo hamartiocentrismo (do grego *hamartía* = pecado). Um cristianismo pessimista, negativista, que pôs no



centro de tudo o pecado humano. Onde até mesmo a encarnação do Filho de Deus se deveu ao pecado. “Ó pecado de Adão indispensável, pois o Cristo o dissolve em seu amor; ó culpa tão feliz que mereceu a graça de um tão grande Redentor”, cantamos no *Exultet* do Sábado Santo. Deus se fez homem para nos libertar do pecado. Isto certamente é verdade.

Numa sociedade profundamente marcada pelo poder do mal, pela destruição provocada pelo pecado humano, pela injustiça social e discriminações de toda sorte, é deveras importante que se saliente esta perspectiva. Pois quem não vê o mal, dele não se liberta. Quem não vê e não reconhece o pecado, dele não se converte. E o mal e o pecado continuarão a se alastrar. Esse é um dos pontos de partida da teologia da libertação, que considera sempre a realidade de opressão e de injustiça logo no início de seu projeto metodológico ver-julgar-agir. Ver e reconhecer o mal, denunciá-lo e combatê-lo quando se percebe claramente sua relação imediata com o pecado humano, o egoísmo dos poderosos. Julgá-lo a partir da vontade libertadora de Deus. Agir de modo a construir uma sociedade mais justa e fraterna, que seja sinal do Reino definitivo de Deus. Eis o programa de toda a teologia do Ocidente, não somente da teologia da libertação. Não há, de fato, outro modo de entender e viver o sofrimento, posto que este é o mundo em que estamos situados.

A verdade, porém, é mais que isso: o Verbo se fez carne para divinizar o ser humano e transfigurar a obra da criação e nos livrar do mal criacional. Uma vez que o ser humano e, por causa dele, a própria criação, foram marcados pelo pecado e suas conseqüências, o Verbo deve também, concomitantemente, nos redimir do pecado e dos males históricos a ele atrelados. Assim, a obra da divinização e da transfiguração (como a entendem os Padres gregos e, ainda hoje, a teologia do Oriente cristão) se faz concretamente pela obra da justificação e da salvação (como a entendem Agostinho e a teologia do Ocidente). Fica, porém, claro que a perspectiva menor, mais historicizada e pessimista, da missão do Verbo encarnado, não pode encobrir e engolir a perspectiva maior, mais teológica e escatológica e otimista.

É urgente hoje retornarmos a uma teologia mais otimista do cristianismo, a dos primeiros séculos, ainda presente na teologia e na espiritualidade do Oriente cristão, e também subterraneamente presente na teologia franciscana, desde Boaventura (+1274) e Duns Scotus (+1308) até Leonardo Boff. Com efeito, ela foi recuperada pelo Vaticano II (1962-1965), na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, e atualmente pela teologia ecológica. Por essa teologia, o Verbo de Deus se fez homem, como vimos logo acima, para recapitular todas as coisas, para tudo transfigurar. Portanto,



primariamente para assumir o mal criatural, vencê-lo na obra da recapitulação universal, na transformação escatológica, reunindo todas as coisas em si, para tudo entregar ao Pai (*Galvin 1997, 366-367*).

Fechando o parêntesis. Se Deus-Pai vence o mal criacional na obra recapituladora do Filho, como acabamos de insistir, vence também, a fortiori, pela sua misericórdia, o mal histórico, fruto do pecado do ser humano, pela morte e ressurreição de Cristo, Redentor do homem. Encarnando-se numa humanidade definida pela violência entre as pessoas e pela ruptura com os desígnios de Deus, o Verbo assume conflitivamente os males humanos. Sem igualar-se ao ser humano no pecado, submete-se porém às conseqüências do pecado. Humano em tudo, menos no pecado (*Hb 4,15*), exatamente porque o pecado não é humano, mas desumano e desumanizante, ele se faz pecado para nos libertar do pecado. “Enfim, existe um homem – homem real e verdadeiro com todas as conseqüências, submetido à condição humana, feito ‘pecado’ (= *hamartía*: 2 Cor 5,21) – que ao mesmo tempo é Deus, a saber, que tem força para romper, de dentro mesmo dessa condição humana, nossa impotência, abrindo-a para a possibilidade de uma realização infinita” (*Queiruga 1999, 173*). Jesus é solidário conosco somente no bem; não no mal. Por isso, assume o mal que produzimos, para devorá-lo e tragá-lo no vórtice e no vértice da vida, na libertação plena do ser humano e da história, na destruição da morte, que não tem mais nenhum poder sobre nós, que foi tragada pelo poder maior da vida (*1 Cor 15,54-57*).

3.2.2.2. Um Deus que transforma o mal em bem

Na obra redentora do Filho, a comunidade trinitária divina, Pai, Filho e Espírito Santo, se revela como uma espécie de biodigestor, capaz de receber todo o lixo da história para transformá-lo em estrume de nova vida. Em seu amor, Deus-Pai recicla o mal. Ele escreve direito por linhas tortas, diz o ditado popular. Ele, em tudo coopera, portanto também através dos acontecimentos maus, injustos e desumanos, para o bem dos que o amam (*Rm 8,28*).

Ao deixar-se violentar pela maldade humana, sem cair no mesmo jogo da violência, o Filho de Deus nos ensina como podemos e devemos ser humanos: é preferível morrer, mas não matar; nunca quebrar, por vontade própria, a dimensão relacional em que fomos criados; manter até o fim a chama do amor, ainda que apenas fumegante; pagar, até o fim, o preço do amor e do empenho pela justiça; dar a própria vida em vista de um projeto de que as pessoas sejam mais humanas e a sociedade seja mais justa. Em sua morte, o Filho de Deus vence o mal com o bem. “Jesus, de fato, é certamente o total, o universal, o absoluto ‘proletário’ e, por isso, pôde identificar-se com todos os homens e salvar a todos nós”. Com efeito, “desde o início, a



comunidade cristã reconhece em Jesus a realização plena da figura do Servo de Iahweh, que acumula a tal ponto a negatividade humana”, que a partir de baixo e de dentro dessa condição pode salvar a todos (*Queiruga 1999, 188*).

Na morte do Filho, Deus-Pai se entrega, entrega todo o seu amor, o seu Filho amado, à mão dos pecadores, para responder à ação violenta e assassina dos ímpios com a boa-nova da ressurreição (*At 2,23-24*). Deus-Pai, que ficou silencioso e silenciado diante do grito do abandono do Filho, como quem se espanta e se escandaliza e se choca diante de tanta maldade de que é capaz o ser humano, respondeu depois, ao terceiro dia, isto é, com a plenitude de sua ação. Revidou à maldade extrema do ser humano, triunfando poderoso sobre o mal dos injustos, ressuscitando o Filho. A manhã gloriosa da ressurreição é a resposta do Pai ao mal maior que o ser humano possa cometer: a exclusão do seu próprio amor. Mas, antes dessa resposta poderosa e definitiva, que não oprime nem massacra a liberdade dos ímpios, a Trindade divina suportou ao extremo as conseqüências de seu amor pela humanidade. Mais do que isso, o que Deus pode fazer? Amar somente e simplesmente, até o fim.

De nossa parte, cabe deixar-se amar por esse Deus-Pai, que ama a cada um de nós mais do que cada um se ama a si mesmo, ele que apostou em nós, criando-nos em Cristo e mais admiravelmente ainda em Cristo nos redimindo. Ele sabe o que faz! “Se Deus cria o ser humano, sabendo que isto equivale a submetê-lo à necessidade de seu ser – isto é, à limitação da criatura, à dor da finitude, à constante contradição da existência –, é porque desde sempre o concebe dentro de um projeto muito maior. O ser humano não ficará abandonado a si mesmo: ao criá-lo, Deus em pessoa decidiu entrar em sua história e, identificando-se com ele, elevá-lo sobre suas próprias possibilidades, abrindo-lhe assim o caminho ‘impossível’ da realização e da felicidade plenas” (*Queiruga 1999, 172*).

Conclusão

Fomos e somos acostumados às obras de Deus e não ao Deus das obras. Interesseiros, queremos a ação de Deus. Não queremos, por ser envolvente demais, comprometedor demais, o seu próprio ser, que é Amor. Por isso, buscamos em Deus-Pai a solução dos problemas, fazemos dele um quebra-galhos, um tapa-buracos, um patrão, pistolão, esperando e insistindo em que ele use de seu poder para combater e vencer o mal. Mas, Deus que é amor espera de nós um comprometimento na forma de relação com ele, de identificação com seu ser, de cumprimento de sua vontade.

Quando conseguirmos esse novo tipo de relação com Deus, uma



relação como a do Filho Jesus, na base do amor e da fidelidade e no empenho pela realização de seu desígnio salvífico, estaremos mais abertos à compreensão do sofrimento e do mal no mundo e mais firmes para combatê-lo e superá-lo. Quando vivermos como Cristo, morreremos como ele e ressuscitaremos com ele e como ele (Rm 6,5-6).

Nesta nova percepção, ressalta-se de tal modo o amor de Deus-Pai a ponto de não ficar clara sua onipotência. O amor do coração do Filho, que faz as obras do Pai, que faz o que vê o Pai fazer (Jo 5,19-20), é dilatado às formas extremas e extremadas de perdão e misericórdia, de carregar sobre si os pecados do mundo, de morrer para não matar. De tal forma dilatado que se pergunta: o que um Deus que ama pode fazer, a não ser amar, amar até o fim (Jo 13,1)? Aí, o seu poder fica na sombra. Aparece menos, embora apareça melhor, porque aparece na forma explícita do amor, que é a essência de Deus (1 Jo 4,8.16). O ser de Deus encobre sua ação, de tal modo que parece um Deus impotente, inativo. Mas quando Deus é, quando se deixa Deus ser Deus, o seu próprio ser faz maravilhas. Porque o seu ser é amor!

Bibliografia

- Feller, V.G., *A revelação de Deus a partir dos excluídos*, Paulus, São Paulo, 1995a.
Feller, V.G., *Os excluídos: lugar da revelação de Deus-Pai*, em *Vida Pastoral*, Paulus, São Paulo, 1995b.
Feller, V.G., *Deus-Pai e os excluídos*, em *Encontros Teológicos* 25, ITESC, Florianópolis, 1998, 66-75.
Forte, B., *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da história*, Paulinas, 1985.
Galvin, J.P., *Jesus Cristo*, em Fiorenza, E.S. e Galvin, J.P., *Teologia Sistemática. Perspectivas católico-romanas*, vol I, 1997.
García Rubio, A., *Unidade na pluralidade*, Paulinas, São Paulo, 1989.
Gozzelino, G., *Vocazione e destino dell'uomo in Cristo*, Elle Di Ci, Turim, 1985.
Lehmann, K., "O diabo, um ser pessoal?", em Kasper, W. e outros, *Diabo, demônios, possessão*, Loyola, São Paulo, 1992.
Morin, D., *O mal e o sofrimento*, Loyola, São Paulo, 1995.
Muñoz, R., *O Deus dos cristãos*, Vozes, Petrópolis, 1987.
Queiruga, A.T., *Recuperar a salvação*, Paulus, 1999.

Endereço do Autor:

Paróquia N. Sra. da Boa Viagem
Rua João Mota Espezim 1023
88045-040 Florianópolis - SC

"A bondade atrai, fascina e encanta, humanamente falando. A bondade é caminho aberto para toda e qualquer solução de problemas ou oposições. Apropriando-nos da bondade do Pai ou sendo imantados por ela, quebram-se as distâncias entre o infinito e o finito, superam-se os abismos assustadores da transcendência. Parece, precisamente, que a bondade com seus correlatos (benevolência, misericórdia, bem-querer e mansidão) abrem os espaços e as condições mais propícias para o encontro com Deus... em clima de confiança, distensão e aceitação."

Deus é Bom

Dom Eusébio Oscar Scheid

Doutor em Teologia, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis